



Exclusão digital segue o padrão regional

da Folha de S.Paulo, no Rio

Exclusão digital segue o padrão regional

da Folha de S.Paulo, no Rio

A **exclusão digital** acompanha o mesmo padrão do desenvolvimento econômico regional detectado no Brasil. Estados de ocupação mais recente ou mais pobres apresentam os menores níveis de inclusão digital. Já os mais ricos são os que possuem maior número de pessoas com computador em casa. É o que mostra o "Mapa da Exclusão Digital", elaborado pela FGV (Fundação Getúlio Vargas). O Distrito Federal lidera o ranking: 25,32% dos moradores têm computador, segundo dados da Pnad (Pesquisa Nacional de Amostragem de Domicílios) de

2001. São Paulo aparece em seguida, com 21,75%. Depois, aparecem Rio de Janeiro (17,92%), Santa Catarina (16,2%) e Paraná (14,13%).

No caso dos mais conectados à internet, o ranking permanece inalterado.

Campeão de exclusão

O Estado com maior índice de exclusão digital é o Maranhão, onde apenas 2,38% dos habitantes possuem computador.

Na sequência aparecem Amapá, Piauí e Tocantins.

O coordenador do Centro de Políticas Sociais da FGV, Marcelo Neri, afirmou que há no Brasil um "avanço grande" nessa área, apesar de o país ainda ter um grau de inclusão longe do observado em países desenvolvidos.

Neri cita uma pesquisa do Fórum Econômico Mundial na qual o Brasil aparecia no 38º lugar

em 2001. Subiu para a 29ª posição no ano seguinte, diz.

Segundo o coordenador, o Brasil tem um nível de incluídos semelhante ao da África do Sul, da Índia e de alguns países do Leste Europeu. São Paulo

Entre as cinco cidades com maior número de pessoas com computador no país, duas estão no Estado de São Paulo.

São elas São Caetano, no ABC paulista, que lidera a lista nacional (41% de inclusão) e a litorânea Santos, em terceiro lugar (33%).

Além dessas duas, aparecem no rol das cinco cidades mais "incluídas" no Estado de São Paulo Vinhedo (27,78%), Campinas (27,82%) e Águas de São Pedro (27,67%).

Apesar de São Paulo concentrar 22,30% do total de pessoas que possuem computador no país, existem cidades do interior paulista onde não existia em 2001 nem sequer um computador. É o caso de Arco-Íris, Torre de Pedra e Barra do Chapéu, de acordo com a FGV.

São Paulo é também o Estado brasileiro com o maior percentual de estudantes frequentando escolas com acesso a computador: 49,7%

A **inclusão digital** é propagada aos quatro cantos do País. Desde 2001, porém, são arrecadados recursos vultosos junto às operadoras de telecomunicações para a composição do Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações (Fust). Esse fundo, que hoje conta com quase R\$ 2 bilhões, iria subsidiar, entre outros, o programa de acesso à Internet nas escolas públicas. No entanto, 13 mil escolas públicas ainda aguardam os equipamentos.

É difícil aceitar uma situação como esta: há dinheiro, há espaço nas escolas, há demanda, mas não há vontade política em fazer acontecer.

E quanto maior a delonga, mais difícil é estabelecer uma boa perspectiva para estes estudantes no mercado de trabalho. O resultado é que milhares de alunos deixaram as escolas em 2001 - e outros milhares deixarão em 2002 - sem ter e noção do que é um teclado ou um mouse.

A estes, está sendo decretado um outro tipo de analfabetismo: o analfabetismo digital. E é a estes novos analfabetos que nossos políticos deverão dar explicações nos próximos anos - especialmente porque, no período, não se deixou de arrecadar os recursos do Fust junto às



Mário Oswaldo Gomes da Silva

empresas de telecomunicações.

Outra exclusão - Mas há uma certa exclusão digital que pode atingir também a outra ponta, lá onde estão aqueles que vivem dentro do ambiente de informática, frente a um mercado de trabalho cada vez mais seletivo em tecnologia da informação. Hoje, quem tem condições financeiras e procura um centro de treinamento, quer a perspectiva de emprego ao final do período de formação. Infelizmente, porém, em boa parte, esta perspectiva se frustra em função da falta de projeção e análise da real necessidade de profissionais no mercado.

Em sua corrida pelo cliente, muitas empresas de treinamento ainda não moldaram adequadamente a postura, de modo a quebrar o paradigma de oferecer somente o treinamento corriqueiro, de critérios apenas pontuais, sem visão de conjunto e sem o mínimo de orientação de postura profissional. Esse tipo de formação já não atende as expectativas. O diferencial para o sucesso, neste tipo de treinamento, é partir para o conceito de escola, implementando-se carreiras dinâmicas, com base em um compromisso com o mercado.

Se, na educação regular, os professores reconhecem que a Tecnologia da Informação é uma ferramenta importante no desenvolvimento do processo educacional de seus alunos, o problema é que, nem sempre, esta ferramenta é explorada no seu conceito mais básico, que é o de capturar e disseminar informações.

Da mesma forma, os centros de treinamento têm que se adequar a estas características, adaptando sua política às necessidades que o mercado lhes demanda. Em outras palavras, é crucial inovar na formação de profissionais da área de tecnologia, pois além de ser uma responsabilidade social, significa reduzir uma exclusão digital cujo manejo vai se tornando cada vez mais estratégico do ponto de vista da economia de longo prazo.

Mário Oswaldo Gomes da Silva é professor da Universidade Católica de Brasília

Exclusão digital e vontade política